

Transgressões literárias: transexualidade em *Georgette*, de Cassandra Rios

RUIZ, Melissa Salinas¹

Bacharelado em Letras

Centro Universitário Internacional Uninter

RESUMO

Este trabalho analisa a construção da identidade de gênero da protagonista de *Georgette*, de Cassandra Rios. A importância dessa discussão se deve à vulnerabilidade da população transexual no Brasil, razão pela qual é relevante abordar os problemas que vivenciam. Opta-se por analisar uma obra literária pelo elevado potencial de crítica social desse tipo de texto, tanto pelo uso sensível que faz da linguagem quanto por seu vínculo com o real. O objetivo central deste trabalho é problematizar a vivência de pessoas transgêneras no Brasil, partindo do retrato construído na obra *Georgette*. Para tanto, utiliza-se o método de pesquisa bibliográfica qualitativa, amparando-se em marcos teóricos dos estudos de gênero e literários. Inicialmente, discorreu-se acerca de gênero, sexualidade e transgeneridade. A seguir, abordou-se o vínculo entre literatura e sociedade. No seguinte tópico, apresentou-se o enredo de *Georgette*, comentando acerca da construção de gênero da protagonista. Por fim, estabeleceu-se relação entre as questões vivenciadas pela personagem e a realidade de pessoas trans no Brasil. O estudo evidenciou que há similitude entre as problemáticas vividas por *Georgette* e as dificuldades enfrentadas pela comunidade trans no Brasil, razão pela qual tecer uma crítica social a partir da obra literária é uma forma eficaz e sensível de abordar essas questões.

Palavras-chave: Gênero. Literatura. Transexualidade. Sociedade.

1. Introdução

¹ Bacharelada em Letras pelo Centro Universitário Internacional Uninter, bacharel em Direito pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, mestra e doutoranda em Sociedade, Cultura e Fronteiras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2278057839277779>

Segundo Judith Butler (2004), gênero é uma construção social vinculada ao modo como os sujeitos se identificam e irão se apresentar em sociedade. A teórica afirma o caráter construído do gênero uma vez que todo conhecimento é produzido socialmente, incluindo os saberes das ciências consideradas “exatas”. Desse modo, a sociedade ocidental contemporânea compreende o gênero como uma dualidade, masculino e feminino, para a qual corresponderiam genitais e performances sexuais específicas.

A despeito disso, existem indivíduos que não estão conformes com o gênero que lhes foi socialmente designado. São chamados de transexuais ou transgêneros, uma vez que transgridem, subvertem as expectativas sociais de gênero (STRYKER, 2017).

No Brasil, os estudos de gênero acerca da transexualidade se respaldam, entre outros autores, na tese de Bento (2006), pela qual constatou que a transexualidade pode ser vivenciada de diversas maneiras, não se tratando de uma patologia, mas de uma característica identitária. No mesmo sentido, a Classificação Internacional de Doenças – CID 11 propôs em 2018 a despatologização da transexualidade, reclassificando-a para condição pertinente à saúde sexual, um avanço considerado importante para a comunidade LGBTQI (COACCI, 2019).

Ainda assim, a sociedade brasileira segrega pessoas transexuais, excluindo-as do mercado de trabalho, dificultando-lhes o acesso à educação e saúde (PELÚCIO, 2007) e invisibilizando-as, inclusive, dentro do meio literário. Afirma-se nesse sentido pois Zolin (2010) e Moira (2018a) defendem a importância de revisitar o cânone literário nacional, dado o predomínio de autores do gênero masculino, brancos e socialmente privilegiados.

O exposto torna urgente resgatar escritos de grupos socialmente excluídos, como o são as pessoas transexuais. A diversidade promove o acesso a diferentes subjetividades e imaginários, além de influir na maneira como as minorias são percebidas pelo restante da sociedade, dado o potencial crítico do texto literário (PERRONÉ-MOISÉS, 2006).

À vista disso, constata-se que há uma lacuna nos estudos literários brasileiros, visto que são raras as investigações que adotam o recorte da transexualidade nas análises literárias. Desse modo, o presente trabalho possui o objetivo geral de verificar se existe relação entre as questões de gênero retratadas no texto literário *Georgette*, de Cassandra Rios, com a realidade social de mulheres trans e travestis no Brasil contemporâneo. Especificamente, objetiva

descrever como é a construção de gênero da protagonista Georgette, identificar os conflitos que vive devido a seu gênero e relacionar o retrato construído pela obra com a realidade de mulheres trans e travestis no Brasil contemporâneo. Os

objetivos propostos serão atingidos a partir da análise dos referenciais mencionados, bem como da leitura dos trabalhos de Alves (2013), Candido (2002), Cruz e Weinhardt (2019) e Moisés (2007). Ainda, sobre a relevância do diálogo entre literatura e sociedade, recorre-se a Candido (2006) e Perroné-Moisés (2006).

2. Metodologia

O presente trabalho é uma pesquisa de abordagem qualitativa, uma vez que se volta para a melhor compreensão de um determinado tema por meio de “procedimentos de cunho racional e intuitivo” (NEVES, 1996, p.2).

Quanto à obtenção de dados, utiliza a pesquisa bibliográfica, amparando-se em referenciais teóricos das áreas da literatura e estudos de gênero para possibilitar a análise da obra literária e subsequente diálogo com os aspectos da realidade social brasileira. A título de exemplo, mencionamos as pesquisadoras Judith Butler (2004), referência internacional dentro dos estudos de gênero, e Berenice Bento, pesquisadora brasileira que recebeu em 2011 o Prêmio Nacional de Direitos Humanos graças à contribuição de sua pesquisa para a promoção de direitos da comunidade transgênera².

Também são importantes referências para esta proposta os estudos especificamente voltados à análise da obra *Georgette*, a exemplo da pesquisa de Moira (2020), na qual se debruça sobre esse livro, assim como outras obras da escritora Cassandra Rios nas quais é possível encontrar gêneros dissidentes. Similarmente, ampara-se em Resende (2018), o qual recorre à obra *Georgette* e à narrativa *Eu sou uma lésbica* para dissertar sobre o conceito de contrassexualidade, de Paul Preciado.

² Fonte: <http://mineiropt.com.br/sociologa-berenice-bento-ganha-premio-pela-atuacao-na-defesa-dos-travestis-e-trans/>. Acesso em 20 nov. 2021.

Por fim, uma vez que realiza uma análise focada em uma obra literária, esta pesquisa parte de autores como Antonio Candido (2006), Massaud Moisés (2007) e Leyla Perroné-Moisés (2006) para embasar suas problematizações.

Sobre as pesquisas bibliográficas, expõe Boccato (2006) que buscam resolver problemáticas a partir da leitura crítica e análise de referenciais teóricos. Assim, por meio desse tipo de investigação se pretende expandir o tema em estudo, diversificando as pesquisas sobre literatura, ao mesmo tempo em que se promove o respeito às diferenças.

3. Revisão bibliográfica/estado da arte

3.1 Gênero, normatividade e transgeneridade

Com o intuito de problematizar a compreensão acerca de sexo, gênero e sexualidade, os estudos de gênero enfatizam o caráter social dessas categorias, consequentemente negando a existência de performances de gênero ou sexuais “naturais” (BENTO, 2006). A sociedade contemporânea generifica todos os corpos tomando por base a genitália, assim criando e recriando normas de gênero que, quando subvertidas, condenam seus dissidentes à marginalidade e exclusão (BUTLER, 2004).

Segundo Bonassi (2017), a sociedade contemporânea se ampara em um binarismo de gênero que se sustenta, principalmente, a partir dos discursos jurídicos, biomédicos e religiosos. Por meio do mito da criação, os corpos são restritos ao binômio masculino/feminino, entendido como uma complementaridade, em decorrência excluindo as sexualidades e gêneros que fogem dessa configuração. Pelas leis, documentos de identificação são expedidos adotando a correspondência genital/sexo/gênero. Por sua vez, os saberes biomédicos patologizaram as primeiras manifestações de gênero dissidentes, denominando-as “transexualidade” e propondo métodos terapêuticos e cirúrgicos para saná-las.

Essa percepção patologizante da transgeneridade persistiu por décadas na prática médica, influenciando o imaginário social acerca dessa população, assim reforçando a associação entre transexualidade e abjeção. Ainda, dados da Associação Nacional de

Transexuais e Travestis (ANTRA) indicam que há uma elevada incidência de violência direcionada à comunidade trans – violência denominada transfobia (LANZ, 2014) – a qual é responsável por mortes, agressões e também pelo pouco acesso desses indivíduos à educação, saúde e trabalho (ANTRA, 2019).

De acordo a Bento (2014, p.50), uma nova compreensão do que é transexualidade apenas foi possível após “a organização das pessoas trans como sujeitos coletivos, com voz e força política e, ao mesmo tempo, a produção de outro corpo teórico que fosse capaz de se contrapor à suposta verdade científica que fundamentava a patologização”.

Visando contribuir com a desconstrução do imaginário de abjeção, os seguintes tópicos tratarão da transgeneridade em *Georgette*, descrevendo a construção de gênero da personagem, os conflitos que vive por subverter a normatividade de gênero e, a partir disso, problematizando a realidade de pessoas transgêneras no Brasil.

3.2 Sociedade e literatura em diálogo

Pensar o texto literário implica refletir acerca de aspectos como tempo, personagens, enredo, narrador e espaço, isto é, nos elementos que compõem a narrativa (MOISÉS, 2007). Entretanto, é relevante levar em consideração a influência da sociedade no texto literário, visto que este é um produto cultural de um local e tempo determinados (CANDIDO, 2006).

Além de trazer vestígios da sociedade em que é produzido, o texto literário se destaca em seu potencial para problematizar essa realidade social. Assim afirma Perroné-Moisés (2006) quando pontua que o alto teor subjetivo da linguagem literária é particularmente efetivo para, simultaneamente, falar sobre como o mundo é e como *poderia ser*.

Similarmente, Proença Filho defende:

A matéria literária é cultural. O artista da palavra retira do mundo elementos que, convenientemente organizados, podem representar totalidades e constituir uma afirmação cuja força e coesão não se encontram ao alcance dos profanos (PROENÇA FILHO, 2007, p.36).

Ainda, tendo em vista que impera o sexocentrismo na sociedade ocidental contemporânea – definido por Jesus (2013, p.365) como o “fenômeno universal e milenar da

diferenciação ligada ao conceito de sexo biológico (...) também tem sido denominado como ‘sexismo’, que (...) se refere à crença de que homens (...) são o padrão ‘normal’ da sociedade” – observa-se similar predomínio do padrão masculino, branco, cisgênero³ e heterossexual no cânone literário. Zolin (2010) faz essa acusação, assim como Moira (2018a), razão pela qual defendem a valorização da diversidade, tanto no que se refere aos autores que compõem o cânone, quanto nos temas e personagens literários.

Levando em consideração que pessoas trans sofrem segregação em sociedades como a brasileira (ANTRA, 2019; BONASSI, 2017), a ausência de autores e personagens trans no cânone literário se apresenta como consequência dessa exclusão. Em âmbito acadêmico, constata-se também que são poucos os estudos voltados para a transgeneridade dentro da literatura.

Dentre os esparsos trabalhos os quais fazem essa interseção, cita-se o estudo de Mooney (2020) a respeito da transexualidade na obra brasileira *Deixei ele lá e vim*, de Elvira Vigna. No mesmo sentido, Silva e Oliveira (2013) realizam uma análise interdisciplinar do universo transexual partindo da obra *Grande Sertão: Veredas e Triunfo dos pelos*.

Fernandes (2019) escreve a respeito de violência contra personagens travestis na literatura brasileira do século XX. Em seu artigo, o autor analisa onze narrativas – incluindo *Georgette* – e conclui que existe um potencial de denúncia nesses textos, embora não deva se limitar a análise literária a esse aspecto. O mesmo autor traz novamente o diálogo entre transexualidade e literatura em um artigo no qual discute a condição subalterna e sua influência na construção de personagens trans e travestis (FERNANDES, 2017).

De autoria de Cassandra Rios e publicada por primeira vez em 1956, a obra *Georgette* é o primeiro romance de formação protagonizado por uma mulher trans (MOIRA, 2020). No seguinte tópico se apresentará o enredo do texto, com ênfase na construção da identidade de gênero da personagem principal e nos conflitos vivenciados por Georgette graças a sua performance de gênero.

³ Segundo Vergueiro (2015, p.44), “a cisgeneridade pode ser resumida como sendo a identidade de gênero daquelas pessoas cuja experiência interna e individual do gênero corresponda ao sexo atribuído no nascimento”.

3.3 Identidade de gênero em *Georgette*

Narrado em terceira pessoa por um narrador onisciente que “mostra-nos a história” (MOISÉS, 2007, p.113) e ambientado em Aquidauana/MS, *Georgette* é considerado um romance de formação, uma vez que traz ao leitor a história da personagem desde sua infância até o fim de sua vida. Desse modo, no romance de formação ocorre a “descrição de todo o processo que abrange a construção e transformação da identidade de um indivíduo, desde sua juventude” (RUIZ; OZELAME, 2018, p.60).

No mesmo sentido, enfatiza Resende:

No mesmo ano em que Diadorim via a luz do dia com a publicação de *Grande Sertão: Veredas*, o romance *Georgette* era publicado. Nele acompanhamos a transformação do garoto Bob, que já na infância se descobre atraído por garotos da sua idade e por todos os tipos de homens na idade adulta, assim se transformando na transgênero *Georgette*. Antes de sua publicação, o conto “A Grande Atração”, de Raimundo Magalhães Júnior, já trazia uma protagonista travesti, porém *Georgette* foi o primeiro romance brasileiro a abordar a transformação completa de um personagem transgênero da infância até a idade adulta, podendo ser talvez o primeiro romance de formação brasileiro de um personagem pertencente a este segmento (RESENDE, 2018, p.214).

Dada a complexidade da protagonista, considera-se que é uma personagem redonda, as quais são descritas por Alves et. al (2013, p.137) como “aquelas dotadas de complexidade. Apresentam várias qualidades e, muitas vezes, são contraditórias e polêmicas. Revelam um caráter dinâmico e um grande potencial para surpreender o leitor”.

Designado masculinamente ao nascer em virtude de seu genital de macho, a protagonista é referida no começo da trama como Roberto, “filho”⁴ de Dona Maura e “irmão” de Iná, Ignês e Ilíana. A obra inicia durante a infância de Bob, descrevendo o momento em que entreouve uma conversa das irmãs sobre “o chico”. Com ingenuidade típica das crianças, Bob prossegue a perguntar quem é chico, obtendo como resposta da irmã que é um sujeito o qual ronda mensalmente as casas a fim de penalizar os que cometem más ações. Entretanto, diante

⁴ Utilizam-se as aspas para evidenciar, conforme menciona Moira (2020), que a construção da protagonista indica se tratar de uma pessoa transfeminina, a despeito dos momentos em que a narrativa utiliza os pronomes masculinos. Desse modo, quando este artigo adota os pronomes masculinos para se referir a *Georgette* é a fim de estar em concordância com o pronome utilizado pela obra naquele momento específico do enredo.

do temor de Bob de que Chico também o castigasse, Dona Maura o tranquiliza dizendo que é algo destinado apenas às moças e que não deve se preocupar com isso (RIOS, 1973).

Começar a narrativa com essa passagem se faz particularmente significativo, pois o ato de menstruar se reveste de aspecto simbólico. Socialmente associada à feminilidade – perspectiva a qual ignora a existência de pessoas trans que reivindicam uma identidade feminina (VERGUEIRO, 2015) – a menstruação é tratada como o destino inevitável das mulheres, razão pela qual o interesse de Bob pelo tema é rapidamente desestimulado. Nesse momento, já é possível notar a preocupação em dissuadir Bob de tudo o que se considera feminino.

Em sua explicação sobre gênero, Butler (2004) afirma que as normas de gênero são criadas e recriadas socialmente, isto é, a própria sociedade dita o que é considerado natural e se encarrega de direcionar as atitudes em direção ao que considera “correto”. O trecho que inicia *Georgette* pode ser compreendido como a regulação de gênero descrita pela teórica, já que a todo custo tenta se “proteger” Bob desses “assuntos femininos”.

O enredo prossegue expondo outra situação na qual Bob subverte as normas de gênero pois, ao contemplar sua urina avermelhada após comer beterraba, afirma precisar de absorventes, situação que o perturba a ponto de deixá-lo de cama, acometido por uma febre.

O caso provocou hilariante e ao mesmo tempo desconcertante preocupação entre elas, que se viram obrigadas a cerca-lo de carinhos e atenções como nunca o haviam feito. Daí partira o erro, inventivava Iliana, quando se discutia a respeito de Bob, que desse dia em diante passou a exigir de todos atenções exageradas e excessos de carinhos, pois por qualquer contrariedade acamava-se febril (RIOS, 1973, p.31)

A opinião de Iliana revela contrariedade diante do comportamento “pouco masculino” de seu irmão, a requerer mimos e afetos. Conforme expressa Bento (2015), existe um padrão de masculinidade o qual determina que os homens incorporem características como assertividade, agressividade, assim se configurando hierarquias dentro do masculino pela qual se subjugam aos que fogem desse padrão.

O enredo prossegue descrevendo o crescimento de Bob, sua personalidade calma, sempre disposto a ajudar a mãe com os afazeres domésticos. Ainda, particularmente relevante é o personagem Artur, chamado “Arturzinho” em sua primeira aparição na

narrativa. Colega de escola de Bob e dois anos mais velho que este, Arthurzinho era “entendido” em tudo o que dizia respeito a sexualidade, motivo pelo qual era admirado pelo protagonista. É com ele que, durante um castigo, Bob chega perto de ter sua primeira experiência sexual. Entretanto, são interrompidos antes de que algo possa acontecer, situação que despertou em Bob uma miríade de sentimentos.

O que ele estava sentindo era alguma coisa tão forte que não poderia ser definida, pois não sabia o que era. O que acontecera fora tão pouco. Esse pouco, entretanto levou-o a tecer cenas e pensamentos que tinham sempre o mesmo desfecho e a mesma expectativa pela emoção desconhecida durante, durante noites e dias seguidos (RIOS, 1973, p.36).

Arturzinho abandona a escola logo após o episódio e Bob apenas o reencontra anos depois, enquanto adentrava um bonde. Nesse momento, ao contemplar o rapaz já crescido, Bob constatou com tranquilidade que “estava amando” (RIOS, 1973, p.43).

Seguindo um tempo cronológico, no qual “a sinalização temporal é dada pelo próprio fluir da narrativa” (MOISÉS, 2007, p.104), o texto prossegue expondo as digressões do apaixonado Bob:

Por que teriam os homens que amar as mulheres? Por que eram belas? Por que eram frágeis e indefesas? Ele também era belo, sentia-se desamparado e precisava de proteção. Não poderia se considerar louco, doente da cabeça ou qualquer outra coisa, pois entre alunos de muito mais idade que ele, Bob era o primeiro da classe e considerado o mais inteligente de todos. Pois então, era com inteligência que ele amava, que estava apaixonado por Artur. Era com prazer que *desprezava* mulheres, considerando-as apenas úteis para serem irmãs ou mães (RIOS, 1973, p.49).

Embora a obra em nenhum momento mencione diretamente as palavras “transexual”, “transgênero” ou “travesti”, a opinião expressa por Bob é recorrente em travestis, conforme explica Kulick (2008). De acordo ao autor, as travestis consideram que sua feminilidade é diferente da que expressam mulheres cisgênero, razão pela qual se consideram superiores. Na percepção delas, ser mulher cis é ser comum, medíocre, diferente delas, belas e exuberantes.

A despeito de ter sido criado em um lar heterocentrado e viver em uma sociedade cisnormativa, Bob não fala de culpa ou remorso por ser quem é. Do contrário, considera que

seu amor por Artur se justifica, tanto por sua beleza “superior” à feminina, quanto por sua própria inteligência, a qual o impediria de agir “como louco”.

Após avistar Artur no bonde, Bob apenas volta a saber dele durante visita da irmã, quem lhe comenta que o colega retornou à cidade e que agora é seu vizinho. Ciente de qual o endereço de seu amado, Bob não tarda em lhe enviar uma carta na qual confessa que jamais esqueceu seu perfume de lavanda.

A carta, no entanto, não gera qualquer resposta de Artur. Aturdido, confuso e com as emoções a flor da pele, Bob passa a considerar entregar-se a outro alguém a fim de saciar o ardor que o acomete.

Procurou entre os amigos, mas nenhum poderia causar, nem de leve, a excitação e atração que Artur exercia, nenhum rosto era belo ou possuía o *it* que o rosto de Artur possuía. Na rua, atrevia-se a olhar para homens que passavam e certa vez olhou com tanta insistência, que notou, pela contorção dos lábios do rapaz, que estava se tornando inconveniente. Deus! Que estava fazendo? Já um outro demorou-se a olhá-lo da mesma forma quando tomou o bonde para ir para casa e, isso, o olhar o irritou, embora lhe avivasse curiosidade. Seria um *igual*? (RIOS, 1973, p.64).

Esse olhar correspondido incita Bob, quem passa a trocar cada vez mais olhares com os rapazes nas ruas, não se importando se estão ou não acompanhados. Munido de coragem, chega mesmo a se aproximar de um, o qual convida o jovem a sua casa e, diante da negativa, entrega seu cartão para que Bob lhe telefone qualquer dia.

Trata-se de Clóvis Mencini, rico fazendeiro quem se tornará amante de Bob. Contudo, não é com este a primeira experiência amorosa do protagonista. Após dias sem resposta, Artur finalmente procura Bob em sua casa com um pedido de abrigo. Estava, explica ao protagonista, com uma mulher casada, tendo sido apanhado pelo “corno” *in flagrante*. Movido pelo amor, Bob aceita escondê-lo momentaneamente, instante no qual acontece a primeira experiência sexual do jovem.

A despeito da brusquidão de Artur, Bob sente que o ama ainda mais depois do ato e, após muito insistir, convence o amigo a voltar a vê-lo. Diante dessa promessa, Bob retorna feliz para casa, porém, todo sujo e desgrenhado, razão pela qual mente à mãe, afirmando que se encontrava em uma briga.

- Onde você andou se metendo? Está todo sujo de poeira e teia de aranha, parece que se arrastou pelo chão. Ah!...esteve brigando com alguém.
Bob inclinou a cabeça. Ali estava a desculpa que a própria mãe, com suas suposições lhe apresentava. Um sorriso surgiu nos lábios de dona Maura. Era a primeira vez que seu filho brigava com alguém. Para ela foi uma grande notícia, pois mentalmente, preocupada, julgava-o um molóide ou tímido demais para chegar a vias de fato com alguém (RIOS, 1973, p.89).

Observa-se que maior do que a preocupação em relação à integridade física do filho é o temor de que este se torne “um molóide”, isto é, um homem que foge às expectativas referentes a “seu gênero”. Entre aspas, pois o enredo vai sutilmente direcionando o leitor à percepção de que o protagonista se aproxima muito mais a uma identidade feminina do que masculina.

Bob prossegue com sua vida à espera de Artur, porém, sem obter dele mais do que indiferença e violência. Assim se afirma porque, em companhia dos amigos, estes chegam a capturar o protagonista, violentando-o agressivamente enquanto o xingam de “veadinho”.

A despeito do horror desse episódio, Bob vive uma epifania a partir dele. Finalmente se decide a ligar para Clóvis – quem lhe dera seu telefone após trocarem olhares no bonde – indo a seu apartamento e se entregando a ele. Tornam-se, desse momento em diante, amantes.

É durante um dos encontros com Clóvis que Bob, instigado pelo amante, veste-se com roupas femininas e dá lugar a Georgette. Dali em diante, cada vez mais põe-se em xeque a masculinidade de Bob, dando lugar à compreensão de que Georgette é sua verdadeira identidade.

Nem pederasta, nem mulher, nem homem, nem nada que outros pudessem designar, ele era ele, era *aquilo*, qualquer coisa psíquica e mais acertadamente genética, e psicologicamente fantástica! Não era assim por nenhum vício adquirido, talvez por influência de meio, mas não se contentava com justificativas e acabava se auto-definindo que era assim porque era assim, simplesmente (RIOS, 1973, p.107).

No fim das contas, conclui que “ele era *ela*” (RIOS, 1973, p.140). Dessa maneira, atravessa, para utilizar a terminologia de Stryker (2017), as fronteiras de gênero, propondo uma nova maneira de compreender seu gênero e sexualidade. Quanto a isso, vale ressaltar a explicação de Moira (2020) acerca do período em que a obra foi escrita, no qual, embora começassem a acontecer as primeiras bem sucedidas cirurgias de redesignação sexual, estas

ainda não se apresentavam como uma possibilidade viável para a comunidade trans. Por esse motivo, a sociedade da época possuía uma compreensão mais limitada acerca de gênero e sexualidade, razão pela qual faz-se coerente que a protagonista recorra à metáfora de nascer no corpo equivocado para explicar a vivência trans.

Observe-se a reação de Clóvis ao ver por primeira vez a protagonista de vestido e maquiagem:

- Nenhum pôr-do-sol, nenhum céu tachonado de estrelas, nenhum crepúsculo, nenhuma flor a desabrochar, poderia proporcionar maior encantamento do que ver um homem transformar-se tão fantasticamente. É um fenômeno, extravagância da natureza, a força do que é belo que suplanta tudo. Nenhuma teoria poderia explicar porque existe mais poesia nesta admiração que o homem transformado em mulher me provoca (RIOS, 1973, p.147).

Pensar na identidade transfeminina como um homem que se transforma em mulher é incorreto, pleiteia a população LGBTQI no Brasil contemporâneo (VERGUEIRO, 2015). Contudo, Moira (2020) considera compreensível a comparação feita no texto em virtude da pouca difusão de referências trans no período em que *Georgette* foi escrito e publicado. Similarmente, as digressões de *Georgette* acerca de seu órgão sexual – afirmando se tratar de “um pedacinho de carne que sobra” – contrariam os resultados da pesquisa doutoral de Berenice Bento (2006), pela qual constatou que o desejo de alterar o genital não é unânime entre as pessoas trans.

Georgette passa a morar no apartamento de Clóvis, sendo anfitriã em maravilhosas festas e vivendo uma vida de luxo. Entretanto, sendo o fazendeiro um homem casado, esses encontros são clandestinos, frequentados apenas por homossexuais. Assim prossegue a vida da protagonista, sem nunca mais ouvir falar de Arthur, porém amando-o em segredo.

Tempos depois, é com surpresa e emoção que *Georgette* se depara com Artur a bater na sua porta. Ignorando todos os abusos já sofridos na mão deste, a protagonista se torna amante de Artur, encontrando-se com este às escondidas e dando-lhe dinheiro sempre que este lhe pede. No entanto, as exigências financeiras de Artur não param de crescer, levando Clóvis a desconfiar que a protagonista trem outro e forçando *Georgette* a um horrível impasse: entregar uma grande soma de dinheiro a Artur, ou este telefonará a Clóvis e o chantageará.

Para a protagonista, essa situação é angustiante e sem saída. Decide, então, vestir suas melhores roupas e escrever duas cartas, endereçando-as a Artur e Clóvis. Após encaminhá-las, pega um táxi que a leva para longe, próximo à trilha de um trem.

Sonhos desfeitos, ideias soterradas por tristezas, a vida era um inferno onde as críticas verberavam, criando complexos. Uma calamidade, uma grande mentira fora a sua ilusão. Que fazer, senão morrer? Foi um salto irrefletido. De louco desejo de fugir da vida. O trem passou apitando, rangendo, chacoalhando e parou mais adiante. Gritos apavorados e de terror marcaram a sinfonia fúnebre do final. Na manhã seguinte os jornais narravam com estardalhaço o terrível desastre. Um homem completamente vestido de mulher, um travesti, fora estraçalhado pelas rodas do trem(...) (RIOS, 1973, p.214).

No necrotério, é Artur quem se atreve a comparecer a fim de identificar o corpo de Georgette. Confirmando sua identidade, o jovem desaba em um pranto doloroso, prostrando-se por primeira vez aos pés dela.

Ninguém mais apareceu nesse dia. Somente Artur fora vê-lo. Todos tinham receio e vergonha. Precisavam salvaguardar moral contra os comentários que viriam. Artur, que fora perverso, mau, sem dignidade, sem caráter, era capaz de tudo. Até de chorar em um público por um travesti, condenando-se (RIOS, 1973, p.215).

A narrativa chega ao fim com a dolorosa constatação de que mais forte do que o sentimento que os amantes professavam a Georgette é a reprovação social em relação ao gênero desta, tornando impossível que uma pessoa “de bem” ame uma travesti. Assim o sendo, apenas o vil Artur é capaz de assumir o que sente por Georgette, socialmente percebida como uma aberração, um pária, um “homem vestido de mulher”.

3.4 Para além de Georgette: transgeneridade no Brasil contemporâneo

A construção da personagem Georgette apresenta diversas similitudes à vivência de pessoas transfemininas no Brasil. Em princípio, cabe ressaltar a recorrência com que gênero e orientação sexual são confundidos, levando a que pessoas trans sejam erroneamente identificadas como cisgênero e homossexuais (FRANCO; CINCILLINI, 2015).

Dessa maneira, a compreensão tardia de Georgette em relação à própria identidade de gênero vai ao encontro de relatos perscrutados por pesquisadores como Kulick (2008) e Bento

(2006). Nessas falas, embora existam indícios desde a infância que apontem para a transgeneridade, apenas ao atingir a adolescência ou vida adulta, os sujeitos compreendem que não são pessoas cisgênero homossexuais, mas indivíduos trans.

Outro ponto de similitude entre obra e vida real é o pouco respaldo familiar às características de Georgette que fogem às expectativas sociais “de seu gênero”. Entre outras, pois designada ao nascer como homem em função de seu genital, razão pela qual a mãe e irmãs demonstram preocupação quando “Bob” realiza os trabalhos da casa com desenvoltura, por exemplo. Esse horizonte de expectativas, explica Butler (2004), é socialmente construído e reforçado, coercitivamente direcionando as performances de gênero em direção ao que se considera adequado para homens e mulheres.

Segundo a Associação Nacional de Transexuais e Travestis (ANTRA), é recorrente o abandono familiar entre a população trans, o qual contribui para o processo de marginalização dessa população, já que dificulta seu acesso à educação, trabalho e saúde (ANTRA, 2019). Nesse sentido, embora Georgette não tenha sido abandonada pela família na trama, o fato de se preocupar em esconder sua identidade feminina da mãe e irmãs – chegando a fingir que não estava em seu apartamento quando estas aparecem de surpresa para visitá-la – assemelha-se ao que vivenciam inúmeras pessoas transfemininas no Brasil, as quais temem a exclusão familiar.

Em âmbito afetivo, nota-se que Georgette possui dificuldades similares às apontadas por Moira (2018b) em *E se eu fosse pura*. Segundo a autora, transmulheres e travestis estão sujeitas à carência afetiva graças a uma sociedade que renega os corpos trans unicamente aos espaços da prostituição. Sendo assim, embora Georgette não se prostitua, a narrativa evidencia que apenas pode ser amada em segredo, o qual se comprova no final do texto, quando somente Artur tem coragem de ir ao necrotério para reconhecer o corpo da protagonista.

Pensando nas violências físicas, sexuais e psicológicas sofridas por Georgette ao longo da trama, também se encontram pontos de encontro entre o universo ficcional e real. A violência transfóbica é uma realidade cotidiana na vida de pessoas transgêneras no Brasil, levando a altos índices de agressões, estupros e assassinatos (ANTRA, 2019). Assim, o grave

episódio no qual Georgette é estuprada e agredida choca por sua brutalidade e também pelo vínculo com o que sofrem transmulheres e travestis no Brasil.

Complementarmente, a relação de Artur com Georgette é abusiva, resultando em sofrimento emocional e psicológico que culminam com o suicídio da protagonista. A esse respeito, convém recorrer novamente à ANTRA, a qual dispõe que:

Problemas como invisibilidade, discriminação social, falta de apoio dos pais e familiares, estigma de doente mental e difícil acesso ao processo transexualizador são fatores de risco que contribuem para a ideação suicida ou mesmo para a sua concretização (2019, p.48).

No caso da protagonista, a chantagem sofrida por Artur se agrava diante da inexistência de amigos ou familiares que a apoiassem, já que sequer sabem da existência de Georgette. Seu trágico desfecho ocorre em âmbito literário, mas poderia ser uma história extraída das manchetes de jornal, visto que pessoas transfemininas são “grupo de alta vulnerabilidade à morte violenta e prematura no Brasil” (ANTRA, 2019).

Nesse sentido, embora a análise de uma obra literária não deva se resumir ao seu vínculo com o real, estabelecer diálogo entre *Georgette* e a vivência de transindivíduos no Brasil é uma maneira eficaz de problematizar de modo sensível as questões enfrentadas por essa comunidade.

Se pensarmos nos textos com protagonistas travestis veremos a resistência empregada pelos escritores e escritoras, a exemplo de Cassandra Rios e Roberto Freire que tiveram suas obras censuradas, sofreram perseguições e até torturas. Nos parece, afinal, que criar personagens travestis é como esforço para retratar o proibido, especialmente no período da ditadura militar, produzir subversão no discurso, evocar a liberdade contra a normatização, apontando para um Realismo literário sensível e problematizador das formas como lidamos com essas diferenças (FERNANDES, 2019, p.144)

À vista disso, discutir textos literários com personagens trans e travestis – a exemplo de *Georgette* – promove a diversidade no campo literário, a medida em que realiza importantes questionamentos acerca do que vivem pessoas trans e travestis no Brasil.

Considerações finais

A literatura, pelo uso peculiar que faz da linguagem, apresenta alto potencial simbólico, razão pela qual é particularmente relevante para analisar aspectos relativos à subjetividade. Ainda, levando em consideração o vínculo da obra literária com a sociedade – visto que é um produto cultural de um local e tempo específicos – é possível recorrer à literatura para problematizar aspectos da realidade social.

Escrito em 1956, *Georgette* constrói um relato em terceira pessoa sobre a trajetória de vida e morte de sua protagonista, nomeada como “Bob” ao nascer, mas que progressivamente vai revelando que sua real identidade é feminina, a de Georgette. Dessa maneira, durante o enredo o leitor conhece as digressões da protagonista, pelas quais questiona a compreensão hegemônica de masculino e feminino, assim propondo uma maneira mais fluída de pensar o gênero.

O desfecho da obra é triste e fatal, culminando com o suicídio da protagonista. O enredo, assim evidencia a pouca aceitação da identidade transfeminina de Georgette, visto que apenas um de seus afetos em vida se atreve a chorá-la em público. Justamente aquele considerado como o mais vil, construindo assim uma mensagem simbólica poderosa: apenas alguém perverso se dispôs ao julgamento social de amar uma travesti.

Pensando em âmbito social, a desesperança da obra literária transparece nos dados nacionais sobre violência transfóbica e segregação sofridas pela comunidade trans brasileira. A despeito da inércia governamental, coletivos trans mapeiam as violências sofridas pela população no Brasil, indicando uma grave realidade: o Brasil é o país que mais mata transexuais e travestis. Em adição, são altos os índices de evasão escolar, subemprego e desemprego, além do pouco acesso a saúde, o que demonstra quão próxima está uma pessoa transfeminina no Brasil de “se tornar uma Georgette”.

Nesse sentido, recorrer à obra *Georgette* permite problematizar a vivência da população trans no Brasil. A partir disso, afirma-se que a realidade vivida por transexuais brasileiros é assustadoramente semelhante ao trágico desfecho da protagonista, razão pela qual se faz necessário expandir o debate sobre diversidade, promovendo ações de inclusão e fomentando pesquisas que tratem sobre transgeneridade e exclusão social.

4. Referências

- ALVES, José Edil de Lima et al. **Estruturas do Texto Literário**. Curitiba: InterSaberes, 2013.
- ANTRA. **Dossiê assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018**. PDF, 2019. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2019/12/dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contra-pessoas-trans-em-2018.pdf> > Acesso em: 25 de nov. de 2021.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual** – Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BENTO, Berenice. O que pode uma teoria? Estudos transviados e a despatologização das identidades trans. **Florestan – Revista da Graduação em Ciências Sociais da UFSCar**, São Carlos, SP, ano 1, n.2, p.46-66, 2014. Disponível em: http://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/viewFile/64/pdf_25. Acesso em: 25 out. 2021.
- BENTO, Berenice. **Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas**. Natal: EDUFRN, 2015.
- BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Revista de odontologia da Universidade Cidade de São Paulo**, v.18, n.3, p.265-274, 2006. Disponível em: http://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf. Acesso em: 27 set. 2021.
- BONASSI, Brune Camillo. **Cisnorma: acordos societários sobre sexo binário e gênero**. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2017.
- BUTLER, Judith. **Undoing gender**. New York: Routledge, 2004.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- COACCI, Thiago. Como funciona a despatologização na prática? **Revista Estudos Feministas**, v.27, n.2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2019v27n258001>. Acesso em: 10 set. 2021.
- CRUZ, Gisele Thiel Della; WEINHARDT, Marilene. **A prosa ficcional: teoria e análise de textos**. Curitiba: InterSaberes, 2019.
- FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. A subalternidade de protagonistas travestis na narrativa brasileira do século XX. In: 13º MUNDOS DE MULHERES & FAZENDO GÊNERO 11, 2017, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. Disponível em: http://www.en.wwwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499436295_ARQUIVO_artigoMM13FAZENDOGENERO17.pdf. Acesso em 14 nov. 2021.
- FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. Violências contra personagens travestis na literatura brasileira do século XX. **Revista Crioula**, n.24, p.134-147, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/download/162540/158691/>. Acesso em: 21 jul. 2021.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. **O conceito de heterocentrismo: um conjunto de crenças enviesadas e sua permanência**. *Psico-USF, Bragança Paulista*, v.18, n. 3, p. 363-372, set./dez.

2013. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/28931/1/a03v18n3.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2021.

KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba/PR, 2014.

MOIRA, Amara. Desvelando as fissuras da militância. Pollyanna Araújo Carvalho e Fabiane Fernandes Guimarães. **GrauZero – Revista de Crítica Cultural**, v. 6, n. 1, p. 163-169, 2018a.

MOIRA, Amara. E se eu fosse pura. São Paulo: **Hoo Editora**, 2018b.

MOIRA, Amara. “Fizera-se mulher”: Cassandra Rios, visionária maldita. **Cadernos de Literatura Comparada**, n.43, p.11-19, 2020. Disponível em: <https://www.ilc-cadernos.com/index.php/cadernos/article/view/695>. Acesso em: 22 jul. 2021.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MOONEY, Angela Rodriguez. Aproximações à transexualidade na literatura contemporânea brasileira: o caso de *Deixei ele lá e vim* (2006), de Elvira Vigna. **Latin American Literary Review**, v.47, n.94, p.19-27, 2020. Disponível em: <https://www.lalrp.net/articles/abstract/10.26824/lalr.131/>. Acesso em: 22 set. 2021.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v.1, n.3, 2º sem./1996. Disponível em: https://www.academia.edu/download/54648986/PESQUISA_QUALITATIVA_CHARACTERISTICAS_USO.pdf. Acesso em: 25 set. 2021.

PELÚCIO, Larissa. **Nos nervos, na pele, na carne**: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS. 2007. 312 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

PERRONÉ-MOISÉS, Leyla. A criação do texto literário. In: **Flores na escrivantina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

RESENDE, Marcelo Branquinho. Contrassexualidade em romances de formação de Cassandra Rios: uma leitura de *Eu sou uma lésbica* e *Georgette*. **Revista Entrelaces**, v.1, n.14, p.207-221, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/entrelaces/article/view/32785>. Acesso em: 21 set. 2021.

RIOS, Cassandra. **Georgette**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Editora MM, 1973.

RUIZ, Melissa Salinas; OZELAME, Josiele Kaminski Corso. O território da montanha: interpretações sobre “A montanha mágica”. **Garrafa**, v.16, n.44, jan./jun. p.50-73, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/18383>. Acesso em: 13 out. 2021.

SILVA, Alexander Lima da; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de. Transexualidade/travestilidade na literatura brasileira: sentidos e significados. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v.65, n.2, p.274-287, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v65n2/09.pdf>. Acesso em: 19 set. 2021.

STRYKER, Susan. **Transgender History**: the roots of today’s revolution. Second edition. Berkeley: Seal Press, 2017.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes:** uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

ZOLIN, Lúcia Osana. Questões de gênero e de representação na contemporaneidade. **Letras**, Santa Maria, v.41, p.183-195, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12166>. Acesso em 18 out. 2021.